

NEGRITUDE E LUSOFONIA

Benjamim Pinto Bull

Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias, na Licenciatura em Estudos Lusófonos

Tivemos o privilégio de durante 20 anos trabalhar em estreita e eficaz colaboração com o saudoso Leopold Sédar Senghor. Citamos:

«Pinto Bull é um amigo de longa data. Foi nosso colaborador preciosíssimo na área do ensino do português no Senegal.»¹ E acrescentaríamos em tudo quanto se relacionava com o então Mundo Português. Traduzíamos e resumíamos-lhe cartas e livros vindos das ex-colónias, de Portugal e do Brasil, nomeadamente do então governador de Guanabara, Carlos Lacerda.

Senghor faz parte dos Grandes Homens que não carecem de apresentação, sobretudo a nível internacional. No entanto, não resisitimos em realçar algumas linhas a seu respeito: Chefe de Estado, Humanista, Homem de Cultura, Poeta, Escritor e Académico, Amante da Democracia e do Diálogo, Léopold Senghor assumiu todas essas funções a um nível tão alto que é difícil, mesmo aos seus colaboradores mais directos, dissociar essas funções ou pretender estabelecer entre elas uma hierarquia sistemática. Africano, definiu e, *ipso facto*, fez existir e expressar-se a Negritude, que o Escritor elogiou nas suas obras e que o Poeta engastou nos seus versos, como um diamante que hoje brilha pelo Mundo.

É precisamente nosso intuito falar aqui, resumidamente, da Negritude, e de um outro *aspecto* de Senghor: a Lusofonia. Convém esclarecer que não falaremos exclusivamente a partir da suas obras, mas também reproduziremos, em parte, conversas tidas durante audiências que nos concedia, durante as viagens e visitas fora do Senegal, pois tivemos a honra de ser não poucas vezes convidado para o acompanhar.

Negritude

Que significa Negritude? Dada a resposta, tentaremos seguir o seu «percurso» até à vitória.

Antes de definir a Negritude, Senghor precisa bem claro que toda e qualquer sociedade tem a sua civilização, mais ou menos rica, mais ou menos original, segundo a sua personalidade.

Esta civilização, escreve ele, «é constituída por uma soma de respostas perante os enigmas da natureza, de diligências perante as exigências da «energia humana». É alicerçada numa metafísica, numa ontologia e num espírito que é a sua cultura, e abrange os costumes, as ciências e técnicas, as artes e as letras. É filha da raça, da geografia, da história que explicam as maneiras de sentir, de pensar e de agir de cada grupo humano.»²

«A Negritude é o conjunto dos valores de civilização do mundo negro, tais como se expressam na vida e nas suas obras.»³

¹ Primeiras linhas do Prefácio da sua autoria do nosso livro: *O Crioulo da Guiné-Bissau: Filosofia e Sabedoria*. ICALP. Ministério da Educação Nacional, Lisboa, 1989.

² In *Liberté 3: Négritude et Civilisation de l'Universel*, p. 90. Ed. Le Seuil.

³ *Id. Ibid.*, p. 90.

Já estamos a seguir o percurso da Negritude – infelizmente estes valores não foram compreendidos de imediato. Viram na Negritude uma forma de racismo, ou um complexo de inferioridade, que, diga-se, os militantes da Negritude nunca tiveram. «*A Negritude*, escreveu Senghor e disse-no-lo várias vezes, *é a vontade de ser o que ela é, para se integrar no Mundo das Civilizações, ou melhor, na Civilização do Universal. Volto ao meu leit-motiv: na Civilização do dar e receber.*⁴ Entenda-se: a complementariedade dos valores morais, intelectuais, dos conceitos filosóficos; do contributo em termos da música, da dança, do ritmo, etc. Nenhum povo é detentor único desses valores.

Se foi marginalizada, desprezada e até odiada, a Negritude, por sua parte, não quis ficar isolada das outras civilizações, nem quis ignorá-las. A vontade dos escritores e artistas negros era estar com os outros, em simbiose, e de mangas arregaçadas, trabalharem para a construção de um autêntico humanismo, «*totalmente humano*, esclarece Senghor, *porque será formado pelo contributo de todos os povos de todo o planeta da terra.*»⁵

Não há dúvida que, de início, algumas intervenções escritas da parte dos militantes da Negritude tinham um carácter polémico e violento. Era preciso combater com vigor para que a Negritude merecesse um lugar à luz do sol. Compreende-se perante os preconceitos de alguns, como atrás aludimos, perante a cobardia de outros, troças e escârneos de muitos era preciso «*bater forte*, escreve Senghor, *para fazer admitir a nossa cultura no banquete do Universal. Era a condição sine qua non da nossa participação à edificação de um novo humanismo. De resto, esta luta cultural tinha uma outra vertente: a luta política. A Negritude era igualmente uma arma de combate para a descolonização.*»⁶

Mas esta «*arma de combate*» ia desaparecer perante um poema, uma oração de paz, um pedido de perdão:.. «*Sicut et nós dimittimus debitoribus nostris*» – Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido:

Senhor Jesus, no final deste livro que Te ofereço como um cibório de dores

Aos pés da minha África crucificada desde há quatrocentos anos e que todavia ainda respira

*Permite que eu Te diga, Senhor, sua prece de paz e perdão
Senhor Deus, perdoa à Europa branca!*

*Oh! abençoa este povo que quebra os seus laços, abençoa
abençoa este povo exangue que faz frente à bolímica matilha
dos poderosos e torcionários.*

⁴ *Id. Ibid.*, p. 91.

⁵ *Id. Ibid.*, p. 91.

⁶ In *Liberté 3: Négritude et Civilisation de l'Universel*, p. 91. Ed. Le Seuil.

*E com ele todos os povos da Europa, todos os povos da Ásia
todos os povos de África e todos os povos da América
Que suam sangue e dores. E no meio desses milhões de vagas
atenta na encapelada cabeça do meu povo.*

*E permite que enlacem com as mão cálidas a terra num cinto
de fraternidade*

*POR SOB O ARCO-IRIS DA TUA PAZ.*⁷

As ideias dos escritores e artistas negro-africanos iam para a frente e as oposições fraquejavam e ficavam pelo caminho. Automaticamente a compreensão da Negritude alargava-se. Os Europeus Ocidentais consideravam «*seu*», o combate dos Negros para a sua identidade cultural.

As obras de inúmeros escritores e artistas negros da África como da América, designadamente da América Latina, os Congressos, nomeadamente «*NEGRITUDE ET AMERIQUE LATINE*», de 7-12 de Janeiro de 1974, em Dacar, com a participação de todos os Países da América Latina, como é óbvio, dos Países da África e da Europa Ocidental (pena foi que se realizou 3 meses e dias antes de 25 de Abril, o que impediu a participação de Escritores Portugueses que partilham das mesmas ideias – na alma e no coração). Lê-se na contra-capa do livro com os artigos deste Congresso publicado por Les Nouvelles Editions Africaines (NEA): «*Se a diáspora teve e tem sempre uma importância criadora particular na formação de uma sociedade e da sua cultura, é precisamente na América Latina que, na realidade, é uma América indo-afro-europeia, onde o homem vindo de África deixou em determinadas regiões a sua marca irreduzível, mantendo-se puro com as suas tradições, ou contribuindo para a formação daquilo que o Mexicano José de Vasconcelos designava por raça cósmica. Um dos principais objectivos do Congresso de Dacar foi de nos mostrar o papel da Negritude na realização do homem universal, porque é, entre outras referências essenciais, segundo as palavras do grande poeta mexicano Octávio Paz, a propósito do Terceiro-Mundo, «a vontade de ser»⁸, os congressos, dizíamos, os Colóquios e os Seminários, numa palavra, a prática contribuiu para uma maior compreensão da teoria da Negritude.*

Finalmente, em Abril de 1966, realizou-se em Dacar o Primeiro Festival das Artes Negras, Festival a nível internacional, durante o qual foram realçados os valores da Negritude, doravante incontestados. *A Negritude* – as palavras são de Senghor – *consagrada em África por André Malraux e, com ele, por escritores, professores e investigadores brancos dos mais célebres, adquiriu desde então o direito à cidadania.*⁹ Significa isso que ninguém pode doravante negar à Negritude a sua originalidade, nem pretender que o Festival das Artes Negras fosse uma fotocópia do que se passava na Europa Ocidental. Esta vitória, mais

⁷ In *Poemas de Senghor*, pp. 94-98. Ed. Arcádia

⁸ In *Négritude et Amérique Latine (NEA) 1974*

⁹ In *Liberté 3: Négritude et la Civilisation de l'Universel*, p. 91. Ed. Le Seuil.

uma vez, da Negritude não deixou de braços cruzados escritores e artistas negros, antes pelo contrário; incentivou-os a abrirem-se, por diálogos fecundantes, às culturas de todos os povos. É o momento para nos debruçarmos sobre a segunda parte desta nossa intervenção: a Lusofonia.

A lusofonia

O que é a Lusofonia? Quais são os objectivos gerais da CPLP? Debruçar-nos-emos, em seguida, sobre Senghor e a Lusofonia, ou melhor, **Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos.**

No nosso entender, a lusofonia designa o conjunto dos homens e dos povos que falam português como língua materna, como segunda língua corrente, como língua oficial ou como língua de comunicação internacional, eventualmente como língua de cultura ou de comunicação.

A lusofonia pode também caracterizar a solidariedade proveniente da partilha de valores comuns veiculados precisamente pela língua lusa. Pressupõe rigorosamente a complementariedade de valores – em todos os sentidos – trazidos por cada país, membro desta comunidade, (porque, repete-se, nenhum destes países entra na Lusofonia **de mãos vazias**) enriquecendo assim com novos vocábulos, novos ritmos e nova música a língua lusa que se torna mais dinâmica. O «espaço» lusófono representa uma realidade não exclusivamente geográfica, nem mesmo linguística, mas também cultural. Reúne todos os que, de perto ou de longe, manifestam ou expressam uma certa afinidade à língua lusa ou às culturas lusófonas, quer sejam de origem américo-latina, quer africana, ou de Timor-Leste ou ainda doutros cantos do Mundo. Cremos sinceramente que a lusofonia não veicula nenhum conceito neo-colonialista nem está eivada de saudosismo. A lusofonia exige escrupulosamente a tolerância, isto é, o respeito pelo Outro, pelas suas convicções, e o diálogo, o diálogo das culturas.

A CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – designa, no nosso entender –o conjunto dos governos, dos países ou das instâncias oficiais que têm em comum o uso da língua lusa nos seus trabalhos ou na troca das suas decisões, com o respeito, realce-se, da soberania de cada um dos seus Membros. A CPLP tem como objectivos gerais:

- a) a concertação político-diplomática entre os seus Membros em matéria de relações internacionais, nomeadamente para o reforço da sua presença nos foruns internacionais;
- b) a cooperação, particularmente nos domínios económico, social, cultural, jurídico e técnico-científico, e
- c) a materialização de projectos de promoção e difusão da Língua Portuguesa

Senghor e a Lusufonta: alguns marcos culturais lusófonos

Na última audiência que Senghor, como Presidente da República do Senegal, nos concedeu em 1980 – devíamos preparar o Congresso Internacional, em Junho do mesmo ano, na Universidade de Évora sobre *Convergências de Raças: Biologia e Sociologia da Mestiçagem*, cujo Organizador era o saudoso Prof. Armelindo Lessa, pedimos-lhe para nos dedicar um livro, que levávamos, dos seus Poemas traduzidos em Portugal – Editora Arcádia, 1977. Resposta, com um sorriso: «*Esta não será uma simples dedicatória, como as outras. Vou incumbi-lo de uma missão.*» E escreveu no estilo senghoriano: «*Ao Professor Benjamim Pinto Bull para cantar a minha gota de sangue português. Em homenagem cordial. Léopold Senghor.*». Missão difícil, sem dúvida, mas honrosa, que temos tentado cumprir pela vida fora. Apraz-nos citá-lo:

*Ouço no mais íntimo de mim o canto de voz umbrosa
das saudades.*

*Será a voz antiga, a gota de sangue portuguesa que ascende
do fundo dos tempos?*

O meu nome que que remonta às suas fontes?

*Gota de sangue ou então Senbor, a alcunha que um capitão pôs
outrora a um bom de marujo?*

*Reencontrei meu sangue, descobri meu nome o ano passado
em Coimbra*

em plena selva dos livros.¹⁰

Senghor gostava de lembrar a frase do escritor-poeta Jean-Claude Renard que dizia: «...*Senghor é um francófono, amante de outras culturas.*», e ele, Senghor, acrescentava: «*principalmente da cultura portuguesa*». Em encontros particulares, chamava-nos: «*Cher cousin portugais*». Caro primo português. Vale a pena, pois, recordar alguns marcos culturais lusófonos, realçando, como é óbvio, **a sua visão, já em 1975, da reintegração de Portugal na Europa, da lusofonia, de uma CPLP e dos PALP's.**

Marcos culturais lusófonos

1. Ensino do português em Dacar (Senegal), em 1961

Em plena tempestade colonial portuguesa, Senghor teve, como Chefe de Estado, a coragem política de criar o ensino do português, primeiro, em dois Liceus de Dacar, com um total apenas de 8 alunos, e, depois, na Universidade da capital senegalesa, «*numa altura*, escreveria ele mais tarde, *em que falar de português era tabú. Porém, soube-*

¹⁰ In *Poemas de Senghor*, p. 207. Ed. Arcádia, 1977

mos distinguir a política colonial do Doutor Salazar, que condenávamos, da língua e cultura portuguesas que continuamos de admirar.»¹¹. Hoje, no Senegal, país francófono e maioritariamente muçulmano, há mais de 8.000 Senegaleses que aprendem nos Liceus a língua de Fernando Pessoa, com mais de 60 professores de português, de nacionalidade senegalesa, Licenciados, Mestres, e cerca de 300 alunos na Universidade, com 4 professores senegaleses, sendo 2 Doutores, e 2 Leitores enviados pelo Instituto Camões.

2. Visita oficial ao Brasil.

Apesar da sua «paixão» por Portugal, Senghor decide, segundo nos confiou um dia, para já não visitar Portugal, como Chefe de Estado, para não caucionar a política colonial do Doutor Salazar, mas aceita o convite do Governo brasileiro para uma visita oficial, em Setembro de 1964. No seu discurso na Academia de Letras do Rio de Janeiro, Senghor afirma:

(...) *O que descobri neste génio brasileiro é uma vontade tripla à Latinidade, à Africanidade – mais exactamente à Negritude – e à Indianidade.*¹²

E mais adiante:

(...) *O que admiro, para além da mestiçagem biológica é a simbiose cultural que conseguiram realizar. O que é admirável é que o sangue negro ou indiano corre nas veias de grande número dos vossos escritores como Machado de Assis, Gonçalves Dias, e Cruz e Sousa, para só citar os que já não são deste mundo. O que é ainda mais admirável, é que graças a esta simbiose, cada um dos melhores escritores brasileiros traz, em si, como frutos requintados de um enxerto, as virtudes complementares das três etnias, das três civilizações diferentes que compõem a cultura brasileira.*¹³

Senghor não esquece de mencionar nomes de historiadores, filósofos, etnólogos, arquitectos, escultores e pintores.: Óscar Niemayer, Lúcio Costa, Cândido Portinari, e fez questão de recordar o pioneiro, o grande escultor que foi **Aleijadinho**. (14) Faz referências elogiosas ao seu Amigo Gilberto Freyre.

No dia 21 de Setembro, assistimos na Universidade de Bahia à sua Oração de Sapiência sobre *Latinidade e Africanidade*. «(...) *Uma das nossas primeiras preocupações, no Senegal, foi de alargar a*

Francofonia à Lusofonia – note-se que é a primeira vez que um Chefe de Estado, na ocorrência Senghor, se refere oficialmente ao vocábulo **Lusofonia** – *foi de alargar a Francofonia à Lusofonia, introduzindo nos ensinamentos secundário e universitário o português ao lado do espanhol e do italiano.*¹⁵. Expõe, seguidamente, as razões que o levaram a criar o ensino do português, para além da sua admiração pela língua e cultura portuguesas: «*é que milhares de Senegaleses, com nomes ou apelidos de origem lusa, falam o crioulo-português, como língua materna, nomeadamente nas regiões da Península de Cabo Verde e de Casamança, e da situação geográfica do Senegal, à proximidade da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Porém, a nossa razão primordial era, e, hoje, a nossa convicção é mais forte – que o Brasil, pelas suas dimensões continentais e pela sua tripla revolução política, industrial e cultural deve contribuir com Portugal para, com honra, não deixarem naufragar a Lusofonia.*»¹⁶ Segunda referência à Lusofonia. Senghor recebe o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Bahia.

3. Senghor em Portugal

Logo após o 25 de Abril, Léopold Senghor foi, salvo erro, o primeiro Chefe de Estado Africano a pegar no bastão, não de peregrino, mas sim de Humanista Africano e de Homem de Diálogo para transmitir aos Portugueses, a fio dos anos, a sua fé inquebrantável na Civilização do Universal, fazer-lhes descobrir os valores da Negritude e manifestar-lhes a sua admiração e apreço por Portugal e pelo seu povo.

Em 1975, é convidado pela Academia Nacional das Ciências de Lisboa. Tema do seu discurso: *Lusitanidade e Negritude*.

Visão da reintegração de Portugal na Europa, da CPLP e dos PALP's Senghor visiona, já em 1975, como um verdadeiro profeta, as bases das futuras relações de Portugal com a Europa, de uma CPLP e dos PALP's. Ouçamo-lo:

«*Se bem compreendi o «Movimento das Forças Armadas», a Revolução do 25 de Abril, para além do seu significado político, é uam «revolução cultural» que tem como objecto devolver ao «Homo Lusitanus» as suas liberdades, mas também os seus valores próprios de civilização. Doravante, mais consciente da rica singularidade sua civilização, o Portugal de hoje vai avançar numa dupla direcção: por um lado, para reintegrar a Europa em construção, e, por outro lado, para contribuir, com o Brasil, para a criação de um Mundo Lusófono, designadamente na sequência do nascimento de «novos Brastis», cheios de forças, resultantes de uma mestiçagem, prefigurando o Mundo de amanhã.*»¹⁷

¹¹ In Prefácio do nosso livro atrás referido, p.13

¹² In *Liberté 3: Négritude et Civilisation de l' Universel*, p. 28. Ed. Le Seuil.

¹³ *Id. Ibid.*, p. 28.

¹⁴ In *Liberté 3: Négritude et Civilisation de l' Universel*, p. 31. Ed. Le Seuil.

¹⁵ *Id. Ibid.*, p. 31.

¹⁶ *Id. Ibid.*, p. 31.

¹⁷ In *Liberté 5: Le Dialogue des Cultures*, Ed.Seuil, p. 66.

Entenda-se, como é óbvio, por «Mundo Lusófono», uma CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – e por «novos Brasis», os Países Africanos de Língua Portuguesa. Senghor recebe o título de Membro Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Em 1980, como a isso já nos referimos, Senghor participa no Congresso Internacional de Évora sobre *Convergências de Raças e Culturas: Biologia e Sociologia da Mestiçagem*. Na sua intervenção de alto nível, Senghor afirma designadamente:

(...) «Temos, pois, que voltar a esta ideia que estamos a construir a Civilização do século XXI, graças à mestiçagem, mas sobretudo, graças ao diálogo das culturas. Querendo ser fiéis ao nosso ideal, resolvemos, com efeito, enraizar-nos, o mais profundamente possível, nos valores da Negritude, para depois nos abirmos aos valores das outras civilizações. Trata-se de construirmos um Mundo mais humano, porque mais complementar na sua diversidade.¹⁸

No dia seguinte os congressistas seguiram, atentos a «aula magistral» de História e de Cultura, com referências pertinentes, em latim e grego, e de Literatura de Portugal por, segundo um Diário de Lisboa, «um Africano da envergadura do prof. Doutor Leopoldo Senghor»

Depois de lembrar – citamos Senghor – que «Os Lusitanos constituíam, segundo Estrabão, a mais forte das nações ibéricas e que, Viriato, o chefe, era conhecido por «O Anibal dos Ibéricos», ele debruça-se sobre as invasões sucessivas muito depois dos romanos, e suas consequências. Falando seguidamente, *ex-cathedra*, da cultura árabe em Portugal da miscelânea cultural, Senghor sublinha:

(...) Porém, a mestiçagem biológica e cultural ia continuar com os Árabes... A influência dos Árabes cujo a presença no solo Português durou mais de cinco séculos (711-1249) deve ser realçada: a agricultura, a poesia, as matemáticas, a filosofia e a astronomia. Se o maior filósofo da Ibéria foi Averroes, que soube tão bem comentar Aristóteles, no território Português, distinguiram-se Ibn Amar e o historiador Ibn Baçame de Santarém.²⁰

Mais adiante, recorda que:

(...) A língua portuguesa, que já era riquíssima, herdou dos Árabes cerca de 700 vocábulos, referentes à marinha, à administração, à agricultura, à ciência e a apelidos.²¹

No fim do Congresso recebe o título *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Évora.

¹⁸ In *Liberté 3, Négritude et Civilisation de l' Universel*, p. 17, Le Seuil.

¹⁹ *Id. Ibid.*, p. 17.

²⁰ In *Liberté 3, Négritude et Civilisation de l' Universel*, p. 18, Le Seuil

²¹ *Id. Ibid.*, p. 18.

Três anos depois – é um outro marco cultural lusófono – mais exactamente em Novembro de 1983 – o Centro de Estudos dos Povos e das Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP) e o International Africa Institute organizaram na Universidade Católica de Lisboa um Seminário Internacional sobre o tema: *Religião em África*. Na sua intervenção intitulada «*Cultura e Religião em África*»,

Senghor afirma:

«(...) Com a experiência e no contexto actual mundial do diálogo das civilizações, eu diria que a cultura é o conjunto dos valores, de criação de uma civilização. Quanto à Religião, como se sabe, é o conjunto das crenças e dos ritos que *re-ligam* o visível ao invisível, o homem a Deus²².

É a vez do Porto de convidar Senghor, em Abril de 1987, para o Congresso Internacional, comemorando o 75º aniversário da sua Universidade. Tema do Congresso: *A Universidade e a Construção da Europa*.

Finalmente, O Instituto dos Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra tem, em Abril de 1988, a feliz iniciativa de reunir personagens dos 4 cantos do Mundo, para participarem no Congresso Internacional: *As Humanidades greco-latinas e a Civilização do Universal*. Senghor está presente.

Conclusão

Longe de estar hoje marginalizada e rejeitada, a Negritude, é «a razão de ser da grande maioria, para não dizer dos melhores escritores, intelectuais e artistas negros, dizia-nos, há uns anos Leopold Senghor, e acrescentava: *a prova mais evidente da nossa vitória, sem rancor nem agressividade é O Primeiro Festival Mundial das Artes Negras*». A vertente da Negritude como arma de combate deixou de existir, já que está virada completamente a página na História da descolonização, mas os escritores, os intelectuais e artistas negros, numa palavra o negro deve, com orgulho e, repetimo-nos, sem agressividade manter a sua identidade cultural que lhe conferiu a Negritude com os valores acima apontados, para todos se abrirem às outras civilizações, para a construção da Civilização do Universal.

No tocante à Lusofonia e Senghor, aprez-nos citar o que dele escreveu o saudoso Jacinto do Prado Coelho: «*Se a condição de ser lusófilo se avalia pela capacidade de compreender e amar (amar até saber perdoar), Senghor é um dos maiores lusófilos, não só de agora como de sempre*».

²² *Id. Ibid.*, p. 19.

²³ In *A Capital*, 18/2/75 e reproduzido no Prefácio sobre «Poemas Leopold Sedar Senghor» – Ed. Arcádia, 1977.